

Não perca tempo



Acesse tudo o que você precisa saber sobre empresas da B3 em um só lugar! Dados financeiros, indicadores, notícias exclusivas e gráficos precisos - tudo para ajudar você a tomar decisões informadas de investimento.

Comece já! →

PUBLICIDADE

Impasse sobre teto da dívida dos EUA leva tensão a mercados

Possibilidade de um default inédito do país, embora improvável, deixa investidores ansiosos por acordo que afaste incertezas

Por Gabriel Caldeira e Letícia Simionato — De São Paulo

19/05/2023 05h03 · Atualizado há 5 horas



Fenolio: Default americano se somaria à recente crise bancária no país e poderia levar Fed a cortar juros — Foto: Ana Paula Paiva/Valor

Autoridades políticas de Washington correm para encontrar uma solução que eleve o teto da dívida dos EUA faltando menos de duas semanas até o prazo estipulado pelo Departamento do Tesouro. A possibilidade de um default inédito do país, embora improvável, tem deixado investidores ansiosos por um acordo que afaste as

incertezas, e o nervosismo já reflete em alguns dos mercados americanos mais tradicionais.

O governo dos EUA atingiu o limite da dívida no dia 19 de janeiro. Desde então, o Tesouro adota medidas emergenciais para bancar as despesas da máquina pública. Segundo a secretária Janet Yellen, os recursos disponíveis podem se esgotar já em 1º de junho. O Escritório Orçamentário do Congresso (CBO, na sigla em inglês) americano estima que o limite ficará em torno do início do mês que vem.

Diante da urgência, o presidente Joe Biden e o líder da Câmara dos Representantes, o republicano Kevin McCarthy, se reuniram duas vezes nas últimas semanas. Embora o tom das sinalizações tenha melhorado, um acordo ainda não foi costurado.

A maioria republicana da Câmara exige da Casa Branca cortes nos gastos do governo para aprovar uma pauta. A princípio, Biden se negava a discutir os planos econômicos de seu governo no âmbito do teto da dívida, mas alterou sua posição diante da postura irredutível dos congressistas.

De início, a reação dos mercados ao imbróglio ficou restrita aos Treasuries e aos Credit Default Swaps (CDS, títulos que protegem investidores contra calotes de governos e empresas) de curtíssimo prazo - que têm menor liquidez e costumam explodir diante de episódios que arrisquem o cumprimento das obrigações fiscais dos EUA.

Vale lembrar que esta não é a primeira vez que a dívida americana foi ameaçada. O aumento do teto era visto como mera rotina parlamentar até 2011, quando Câmara e Senado não chegaram a um acordo e resolveram suspendê-lo de 2012 a 2020. Em 2021, a minoria republicana tentou novamente travar o aumento do teto, mas o Congresso dominado pelos democratas prevaleceu.

Em situação diferente da que se viu dois anos atrás, a aparente estagnação das negociações e o prazo curtíssimo estimado pelo Tesouro levaram uma postura cautelosa generalizada nos últimos dias em Wall Street.

“

Mesmo se não tiver default, poderíamos ter mercados reagindo”

— Agron Nicaj

O dólar tem se valorizado ante a maioria das moedas de economias desenvolvidas e emergentes, enquanto os rendimentos dos Treasuries com maiores volumes negociados acumulam altas. O retorno da T-note de 2 anos, por exemplo, já aumentou mais de 0,2 ponto percentual nesta semana. Com a possibilidade de calote da dívida americana, investidores vendem os títulos do Tesouro, o que eleva os juros pagos ao mercado.

Nas bolsas, a resposta tem sido volátil, e as ações respondem conforme muda a percepção geral sobre as negociações em Washington. Se o impasse se estender, é provável que o mercado acionário de Nova York caia ainda mais, o que poderia ter consequências na economia real, segundo Agron Nicaj, economista do MUFG Bank. “Uma coisa crucial para se prestar atenção é que mesmo se não tiver default, poderíamos ter os mercados reagindo bem fortemente, e isso derrubaria as ações, o que poderia ter um efeito triplo no mercado de trabalho. Mesmo se não tiver default, isso pode gerar alguma perda de emprego”, alerta.

Em 2011, o Congresso americano elevou o teto da dívida apenas dois dias antes de o governo esgotar seus recursos. Na ocasião, o dólar se desvalorizou, as ações caíram fortemente e os spreads de crédito subiram, lembra a economista-chefe do Banco Inter, Rafaela Vitória. Segundo ela, o episódio foi o mais grave de todas as crises recentes envolvendo a dívida americana e pode “dar algumas ideias” para medir o possível impacto agora.

Um cenário extremo e inédito de default da dívida americana poderia levar até o Federal Reserve (Fed) a cortar juros, diz o economista-chefe e sócio da WHG, Fernando Fenolio. “[O default] vai se somar à crise dos bancos e a coisa pode piorar muito”, diz, ponderando que este é um cenário “muito caudal” (menos provável).

Nicaj concorda que um corte de juros nos EUA em caso de default é uma possibilidade, mas pondera que a reação do Fed está cercada de incertezas, já que a própria entidade evita comentar o assunto para não provocar uma resposta precipitada dos mercados.

O economista do MUFG também destaca o potencial complicador que a crise da dívida pode ter sobre o estresse bancário. “Se os EUA tiverem mesmo um default, isso aumentaria a aversão ao risco, e qualquer banco visto como um pouco mais arriscado teria seus depósitos reduzidos. Isso pode tornar a situação bem pior”, diz.

Outro ativo que corre risco é o dólar. Embora a moeda americana tenha se valorizado diante da aversão ao risco, isso pode mudar com o default. A demanda por dólar cairia uma vez que o Tesouro americano deixaria de emitir dívida, explica Nicaj. “Levando-se em conta o papel dos EUA como uma reserva de valor, isso pode certamente afetar a economia global.”

Para a economia real, as consequências podem ser muito graves mesmo se desconsiderado um eventual calote da dívida. Em 2011, o impasse para elevar o teto resultou em um rebaixamento da dívida americana por agências de rating e teve impacto negativo na atividade nos anos seguintes por conta de uma política fiscal contracionista, diz Vitória, do Inter. Segundo ela, a redução dos gastos fiscais tirou 1,4 ponto percentual do PIB dos EUA entre 2012 e 2013.

De visão mais construtiva, Fenolio considera que o debate pode ajudar a equilibrar as contas públicas nos EUA, que estouraram nos anos da covid-19. Para o impasse atual, ele avalia que há dois cenários mais prováveis: uma extensão do prazo para o teto da dívida por um pequeno espaço de tempo, “algumas semanas, para poder desenhar a lei e aprová-la”; ou uma extensão do limite de endividamento até o fim de setembro, quando vence o ano fiscal nos EUA.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

O vestido de Kate Middleton que tirou o fôlego do príncipe William

BRAINSHARPER

LINK PATROCINADO

Todos que têm dor nos joelhos precisam dessa nova joelheira

LEGFIX

Saiba mais